

Eliane Regina Pereira
(Organizadora)

A Pesquisa em Psicologia em Foco



Eliane Regina Pereira
(Organizadora)

A Pesquisa em Psicologia em Foco

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof^a Dr^a Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P474	A pesquisa em psicologia em foco [recurso eletrônico] / Organizadora Eliane Regina Pereira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A Pesquisa em Psicologia em Foco; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-367-5 DOI 10.22533/at.ed.675190506 1. Psicologia – Pesquisa – Brasil. I. Pereira, Eliane Regina. II.Série. CDD 150.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Um fotógrafo-artista me disse uma vez: veja que pingo de sol no couro de um lagarto é para nós mais importante do que o sol inteiro no corpo do mar. Falou mais: que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós. Assim um passarinho nas mãos de uma criança é mais importante para ela do que a Cordilheira dos Andes. (...). Se fizerem algum exame mental em mim por tais julgamentos, vão encontrar que eu gosto mais de conversar sobre restos de comida com as moscas do que com homens doutos. (Barros, 2006)¹.

A partir de uma memória inventada, Manoel de Barros nos convida a pensar sobre as importâncias. Segundo o poeta é preciso que nos encantemos pelas coisas. Assim, mais importante que medir, ou ainda, que identificar o instrumento certo da medida é preciso estar encantado pelo processo. Entendemos que pesquisar é se encantar, é se entregar a uma temática e se permitir mergulhar no processo de construção de dados, de modo que os resultados não sejam entendidos como descobertas, mas como construção de um processo que se dá entre o pesquisador e a pesquisa realizada.

Segundo o dicionário online² pesquisar é um verbo transitivo que significa investigar com a finalidade de descobrir conhecimentos novos, ou ainda, recolher elementos para o estudo de algo. Se o objetivo é, portanto, descobrir conhecimentos novos, temos obrigação de após pesquisar, espalhar esses novos conhecimentos. Este é o objetivo deste livro, divulgar, espalhar, difundir conhecimentos pesquisados. O livro é resultado de uma série de pesquisas em psicologia. Não é um livro de método, mas um livro de relato de pesquisa e de experiência.

O livro está organizado em três partes. A primeira parte intitulada “Pesquisas Teóricas” consta de quinze capítulos que apresentam diferentes temáticas e diferentes caminhos de pesquisa. Desde pesquisas bibliográficas de cunho qualitativo e/ou quantitativo em bases de dados a pesquisas de profundidade em autores específicos como Rubinstein, Davýdov e Emília Ferreiro. Dificuldade de aprendizagem, evolução da língua escrita, formação de professores, imagem corporal, violência contra a mulher, jogo compulsivo, transtorno do pânico e transtorno do stress pós-traumático são algumas das temáticas aqui apresentadas.

A segunda parte intitulada “Pesquisas Empíricas” é composta de dez capítulos. Nesta parte, os autores apresentam diferentes instrumentos de pesquisa: Questionário semiestruturado com perguntas fechadas, aplicação de diferentes inventários ou escalas, entrevistas semiestruturadas, são algumas das metodologias de pesquisas expostas aqui.

A terceira parte intitulada “Relatos de experiência” inclui seis pequenos relatos que permitem ao leitor acompanhar o trabalho dos autores.

É preciso ser possuído por uma paixão para que se possa comunica-la.

1 Barros, M. (2006). Memórias inventadas: a segunda infância. São Paulo. Editora Planeta.

2 <https://www.dicio.com.br/pesquisar/>

Esperamos que você se encante pela leitura, assim como, cada pesquisador/autor aqui apresentado, evidencia ter se apaixonado, se encantado pelo ato de pesquisar.

Eliane Regina Pereira

SUMÁRIO

PESQUISAS TEÓRICAS

CAPÍTULO 1	1
AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM INFANTIL	
Matildes Martins Feitosa	
Janicleide Rodrigues de Souza	
Francisco Mayccon Passos Costa	
DOI 10.22533/at.ed.6751905061	
CAPÍTULO 2	13
AS CONTRIBUIÇÕES DE SERGUEI LEONIDOVICH RUBINSTEIN PARA A EDUCAÇÃO: UMA EXPRESSÃO DE SUA TEORIA DA ATIVIDADE	
Alexandre Pito Giannoni	
Luana de Lima Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.6751905062	
CAPÍTULO 3	25
A EVOLUÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA SEGUNDO A EPISTEMOLOGIA GENÉTICA: DO PERÍODO PRÉ-SILÁBICO AO SISTEMA ALFABÉTICO PELO SUJEITO QUE APRENDE	
Bruna Assem Sasso dos Santos	
Adrián Oscar Dongo Montoya	
DOI 10.22533/at.ed.6751905063	
CAPÍTULO 4	40
CUBA: A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DO CURSO DE PEDAGOGIA	
Drielly Adrean Batista	
Alonso Bezerra de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.6751905064	
CAPÍTULO 5	51
GESTALT-TERAPIA E TERAPIA COGNITIVO COMPORTAMENTAL (TCC) UM DIÁLOGO SOBRE DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM	
Maira Ribeiro da Silva	
Andréia Borges da Silva	
Nádie Christina Ferreira Machado Spence	
DOI 10.22533/at.ed.6751905065	
CAPÍTULO 6	61
PRINCÍPIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA ORGANIZAÇÃO DO ENSINO PARA APROPRIAÇÃO DO CONCEITO DE CÍRCULO	
Patrick Leandro Felipe	
Ademir Damazio	
DOI 10.22533/at.ed.6751905066	
CAPÍTULO 7	76
TANATOLOGIA: A EDUCAÇÃO SOBRE A MORTE NO CONTEXTO ESCOLAR	
Jessyca Gracy Pereira Veloso	
Bianca Viana Coutinho	
Nathália Gomes Duarte	
Camila Maria Rabêlo	

CAPÍTULO 8 87

PERSPECTIVAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM: LÓGICA DA PROGRAMAÇÃO, PIAGET E TECNOLOGIAS DIGITAIS

Luciana Michele Ventura
Luciane Guimarães Batistella Bianchini
Lisandra Costa Pereira Kirnew
Luciana Ribeiro Salomão
Bernadete Lema Mazzafera

DOI 10.22533/at.ed.6751905068

CAPÍTULO 9 99

ASPECTOS PSICOSSOMÁTICOS DA IMAGEM CORPORAL DE PACIENTES TRANSPLANTADOS RENAIIS – UMA REVISÃO DE LITERATURA

Jéssica Regina Chaves
Périsson Dantas do Nascimento

DOI 10.22533/at.ed.6751905069

CAPÍTULO 10 108

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UMA REVISÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA A PARTIR DE 2014

Mariana Gonçalves Farias
Mariana Costa Biermann
Glysa de Oliveira Meneses
Lia Wagner Plutarco
Estefânea Élide da Silva Gusmão

DOI 10.22533/at.ed.67519050610

CAPÍTULO 11 123

OLHAR PSICANALÍTICO PARA O TRANSTORNO DE PÂNICO: EXPRESSÃO DE ANGÚSTIA E EVIDÊNCIA DO DESAMPARO

Amanda da Rocha Camargo

DOI 10.22533/at.ed.67519050611

CAPÍTULO 12 137

TRANSTORNO OBSESSIVO-COMPULSIVO: ASPECTOS GENÉTICOS E O TRATAMENTO COM BASE NA TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL

Jonanthan Costa Araujo
Laíne Kamila Machado Gomes
Simão Neto
Victória Regina Silva Rodrigues
Danilo Camuri Teixeira Lopes
Nelson Jorge Carvalho Batista

DOI 10.22533/at.ed.67519050612

CAPÍTULO 13 145

DIFICULDADES ENFRENTADAS POR PACIENTES COM TRANSTORNO DO PÂNICO E TRANSTORNO DO STRESSE PÓS-TRAUMÁTICO (TEPT)

Juniane Oliveira Dantas Macedo
Liliana Louisa de Carvalho Soares
Lyzanka Fontinele Vasconcelos
Roberta Soares Machado

Nelson Jorge Carvalho Batista
DOI 10.22533/at.ed.67519050613

CAPÍTULO 14 158

JOGANDO, PERDENDO E SOFREDO: UM OLHAR SOBRE O JOGO COMPULSIVO A PARTIR DE
MARGE SIMPSON

Heloá Silva Ferreira
Felipe Maciel dos Santos Souza

DOI 10.22533/at.ed.67519050614

CAPÍTULO 15 169

TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO SOB UMA VISÃO PSICOLÓGICA DO FILME O
QUARTO DE JACK

Nathália Gomes Duarte
Jessyca Gracy Pereira Veloso
Lilian Alves Ribeiro
Bianca Viana Coutinho
Nelson Jorge Carvalho Batista

DOI 10.22533/at.ed.67519050615

SOBRE A ORGANIZADORA..... 179

TANATOLOGIA: A EDUCAÇÃO SOBRE A MORTE NO CONTEXTO ESCOLAR

Jessyca Gracy Pereira Veloso

Centro Universitário Santo Agostinho
Teresina-PI

Bianca Viana Coutinho

Universidade Estadual do Piauí
Teresina-PI

Nathália Gomes Duarte

Centro Universitário Santo Agostinho
Teresina-PI

Camila Maria Rabêlo

Centro Universitário Santo Agostinho
Teresina-PI

Carlos Eduardo Gonçalves Leal

Centro Universitário Santo Agostinho
Teresina-PI

RESUMO: A morte é vista pela sociedade como um tabu. A construção histórica sobre este fenômeno o distanciou da naturalidade com a qual deveria ser visto, afinal, faz parte do ciclo vital. A escola, como responsável pela formação da sociedade em vários âmbitos, deve dialogar com as crianças e adolescentes a respeito do tema, promovendo uma educação para as questões humanas, para vida e para a morte. Diante do que foi exposto, o estudo tem como objetivo a produção científica abordando a análise do processo histórico que deu origem ao atual significado de morte, assim

como desmistificar os tabus que o envolvem, abordando o diálogo sobre o tema no contexto escolar. Pretende-se articular autores que discorram sobre as temáticas apresentadas na narrativa, buscando relacionar os antecedentes e os resultados acerca da escola e do seu papel no desenvolvimento de crianças e adolescentes. Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, realizada no período de julho a agosto de 2017, no endereço eletrônico da plataforma da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), através de consultas nas seguintes bases de dados: Scielo e Google Acadêmico. Foram encontrados 20 artigos, classificados em artigos de medicina, psicologia, pedagogia e enfermagem. A análise das publicações selecionadas permitiu a classificação das seguintes categorias: Percurso sócio - cultural e histórico da concepção de morte, A morte como tabu no âmbito acadêmico e A educação para a morte no contexto escolar. Foi possível compreender a importância de uma educação para a morte no contexto escolar, contribuindo para a saúde emocional das crianças, adolescentes, professores e da sociedade, modificando a simbologia construída historicamente e os tabus acerca do tema.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Morte. Tanatologia. Escola.

ABSTRACT: Death is seen by society as a taboo. The historical construction on this phenomenon

distanced it from the naturalness with which it should be seen, after all, it is part of the life cycle. The school, as responsible for the formation of society in various spheres, should dialogue with children and adolescents on the subject, promoting education for human issues, for life and for death. To what has been stated, the study aims at the scientific production analyze the historical process that gave rise to the current meaning of death, as well as to demystify the taboos that surround it, approaching the dialogue about the theme in the school context. It is intended to articulate authors who discuss the themes presented in the narrative, seeking to relate the antecedents and the results about the school and its role in the development of children and adolescents. This is an integrative review of the literature, carried out from July to August 2017, at the electronic address of the Virtual Health Library (VHL) platform, through consultations in the following databases: Scielo and Google Scholar. We found 20 articles, classified in articles of medicine, psychology, pedagogy and nursing. The analysis of the selected publications allowed the classification of the following categories: Route Socio - cultural and historical course of conception of death. Death as taboo in the academic scope and Education for death in the school context. It was possible to understand the importance of an education for death in the school context, contributing to the emotional health of children, adolescents, teachers and society, modifying historically constructed symbology and taboos about the theme.

KEYWORDS: Education. Death. Thanatology. School.

1 | INTRODUÇÃO

A morte é pertencente ao ciclo vital de qualquer ser humano, porém, muito se questiona a respeito desse tema, que é visto como um tabu na sociedade atual. Morrer é tão natural quanto viver, morremos a cada instante um pouco, seja diante de uma opção que deixamos de lado, ou mesmo de um momento que deixamos de vivenciar, estamos vivendo e morrendo a cada segundo vivido. E é por se estar vivo que se tem a possibilidade da morte, como dois processos que se completam (MORAES; OLIVEIRA, 2010).

Pensar na morte é questionar-se: de onde viemos e para onde vamos? É perguntar-se como ocorre essa transição. E será que esta é somente uma transição? É refletir sobre quando será o nosso momento final, ou mesmo em quando será o momento final de quem amamos. Sobretudo é sentir-se angustiado por não obter as devidas respostas.

Mas, se a morte é um processo natural pelo qual todos e todas irão passar, porque ainda existe tanto mistério e medo ao se pensar sobre isso? Por que há tanta negligência sobre a morte e evita-se dialogar sobre ela? Qual seria a importância de uma educação para a morte? Continuaremos vendo a morte como um tabu se aprendêssemos sobre ela? Qual a importância de falar sobre a morte na escola e na família?

Tão importante quanto falar de vida, é falar de morte, e assim como é importante

para a vida humana aprender a ler e a escrever, é também conhecer sobre todos os seus processos. Estas discussões são cada vez mais necessárias entre as relações familiares, sociais, religiosas, bem como educacionais.

Como bem citado por Kovács (2005, p.486) "educação para a morte é um estudo sobre a possibilidade do desenvolvimento pessoal de uma maneira mais integral", onde por meio desse alcance de sentido poderemos viver de maneira mais firmes com a certeza da morte e a busca incessante da valorização da vida.

Na atualidade, a Tanatologia, o estudo da morte e de seus fenômenos associados, tem despertado o interesse de alunos e profissionais, favorecendo reflexões acerca de como lidar com a morte. Assim, o estudo tem como objetivo analisar o processo histórico que deu origem ao atual significado de morte, assim como desmistificar os tabus que o envolvem, abordando o diálogo sobre o tema no contexto escolar.

2 | METODOLOGIA

O presente estudo tratou-se de uma revisão integrativa de literatura, com abordagem qualitativa. O levantamento bibliográfico foi realizado no período de julho a agosto de 2017, por meio da internet, no endereço eletrônico da plataforma da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), nas seguintes bases de dados: Scielo e Google Acadêmico. Utilizaram-se como critério de inclusão os estudos que tinham entre seus descritores: educação, morte, tanatologia e escola; resumos ou artigos em português e inglês que abordassem a temática em estudo independente do método de pesquisa utilizado; descritos na íntegra e publicados pelo menos nos últimos 5 anos.

Como critério de exclusão, optou-se por não utilizar artigos que não correspondiam ao objeto de estudo, textos que se encontravam incompletos, artigos que não estivessem disponíveis na íntegra online, que não forneciam informações suficientes para a temática e aqueles que não possuíam os descritores determinados pelos pesquisadores.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer da elaboração da pesquisa fez-se uma listagem das mais relevantes publicações sobre o tema, onde foram encontrados 54741 estudos. Após este resultado, foi utilizado como critério de escolha os trabalhos publicados nos anos de 2012 a 2017, com prevalência em idiomas em português e inglês, textos completos e que fossem de relevância ao tema. Diante disso, obtiveram-se 20 publicações refinadas de acordo com os objetivos da pesquisa e distribuídos em diferentes periódicos.

O estudo foi realizado utilizando-se os descritores DECS/MESH: Educação (Education), Morte (Death), Tanatologia (Tanatology), Escola (School), realizando cruzamentos duplos. A síntese dos descritores utilizados, das bases de dados e das referências selecionadas está descrita na tabela abaixo:

Base de dados	Descritores cruzados	Referências obtidas	Referências selecionadas
Google Acadêmico	Educação/Morte	30600	4
Google Acadêmico	Educação/Tanatologia	556	3
Google Acadêmico	Morte/Tanatologia	872	6
Google Acadêmico	Morte/Escola	21500	3
Google Acadêmico	Tanatologia/Escola	551	1
Scielo	Morte/Escola	481	2
Scielo	Educação/Morte	160	1

Tabela I - Distribuição das referências obtidas nas bases de dados Scielo e Google Acadêmico, seguindo os descritores estabelecidos. Teresina, 2017.

A maioria dos artigos selecionados foi publicado por pedagogos, totalizando 8 artigos, os demais eram publicações de psicólogos com 5 publicações, médicos com 4 e enfermeiros com 3 publicações. Com relação ao idioma, todos os artigos selecionados foram em português. Os estudos ainda foram observados quanto ao tipo de estudos onde, a abordagem qualidade foi a predominante com 19 publicações e apenas 1 quali-quantitativo. A listagem dos artigos encontra-se na tabela II.

Bases de dados	Idiomas	Área	Tipo de estudo
Google Acadêmico	Port.	Médico	Quali
Google Acadêmico	Port.	Pedagogo	Quali
Google Acadêmico	Port.	Pedagogo	Quali
Google Acadêmico	Port.	Médico	Quali
Google Acadêmico	Port.	Psicólogo	Quali
Google Acadêmico	Port.	Psicólogo	Quali
Google Acadêmico	Port.	Pedagogo	Quali
Google Acadêmico	Port.	Médico	Quali
Google Acadêmico	Port.	Pedagogo	Quali
Google Acadêmico	Port.	Enfermeiro	Quali
Google Acadêmico	Port.	Psicólogo	Quali
Google Acadêmico	Port.	Médico	Quali
Google Acadêmico	Port.	Enfermeiro	Quali
Google Acadêmico	Port.	Pedagogo	Quali
Google Acadêmico	Port.	Enfermeiro	Quali
Google Acadêmico	Port.	Pedagogo	Quali
Google Acadêmico	Port.	Psicólogo	Quali
Scielo	Port.	Psicólogo	Quali-Quantitativo
Scielo	Port.	Pedagogo	Quali
Scielo	Port.	Pedagogo	Quali

Tabela II - Distribuição das referências incluídas na revisão integrativa, de acordo com as bases de dados, ano, idioma, área de atuação e tipo de estudo. Teresina, 2017.

De um modo em geral, os estudos selecionados retratam o conceito da palavra morte, sua evolução histórica e concepção sócio cultural, assim como a inserção de

temas relacionados à morte, ainda visto como um tabu, dentro do ambiente escolar e acadêmico. De acordo com o levantamento realizado nas bases de dados, Scielo e Google Acadêmico, contemplaram-se as produções mais atualizadas acerca do estudo da morte no contexto escolar, conforme apresentado na Tabela III.

Ano	Periódico	Frequência	%
2012	Revista do Programa de Pós em Educ	1	5
2012	Revista Eletrônica de Enfermagem	1	5
2012	Revista Temática Kairós	1	5
2013	Revista Humanae	1	5
2013	Revista Saúde (Santa Maria)	1	5
2013	Psicologia em Revista	1	5
2013	Revista de Psicologia da IMED	1	5
2014	Psicologia: Ciência e Profissão	1	5
2014	Revista Educação e Cultura Contemp	1	5
2014	Repositório (UFSC)	1	5
2014	Repositório Institucional Tiradentes	1	5
2014	Arq. Cienc. Saúde UNIPAR	1	5
2014	Interfaces da Educação	1	5
2015	Repositório (UNIFEI)	1	5
2015	Psic. Da Educação	1	5
2015	Revista Uningá	1	5
2015	Revista Interface	1	5
2015	Revista Barbarói	1	5
2016	Pretextos Revista de Graduação	1	5
2016	Revista Cultura de Los Cuidados	1	5

Fonte: Banco de dados Biblioteca Virtual em Saúde.

A partir da observação dos estudos, foram feitas as análises dos dados coletados, aonde foi possível identificar que os anos 2012, 2013, 2014, 2015 e 2016 apresentaram um respectivamente um total de 3, 4, 6, e 2 publicações de interesse das pesquisadoras, na qual passaram pelos critérios de inclusão. Sendo que o trabalho mais antigo selecionado pelas alunas investigadoras, pertence ao ano de 2012 e o mais recente pertencente ao ano de 2016, e os demais estudos tem os anos de publicação intercalados nesse intervalo de 4 anos.

Quanto aos periódicos, observou-se que dos incluídos, nenhum coincidiu de estar presente na mesma revista. Quanto à metodologia do estudo, observou-se estudos de revisão de literatura, sendo 6 (30%) de revisão sistemática, 4 (20%) de revisão narrativa e 4 (20%) de revisão integrativa. Além de 4 (20%) dissertações e 2 (10%) pesquisas de campo, resultando assim nos 20 artigos analisados.

Diante das apresentações das publicações o estudo permitiu fazer uma análise de três categorias temáticas que estão descritas abaixo:

3.1 Percurso sociocultural e histórico da concepção de morte

Nessa categoria foram utilizados um total de 9 artigos. Segundo Queiroz (2006), a morte deve ser vista considerando-se o seu desenvolvimento histórico e cultural, sendo assim um processo fenomenológico bastante complexo, relativo e vivenciado através de diferentes ângulos. Ariés (2012) afirma que a morte passa a ter um novo sentido a partir do século XVIII, onde o homem ocidental passa a tratar a morte como algo sombrio, desconhecido e irracional. Já no século XIX (período da Idade Média), a morte surgiu como uma forma de religiosidade e espiritismo, onde se procurava a fuga e o reencontro com pessoas queridas. Ainda nesse contexto, os grandes valores eram o planejamento do morrer, o compartilhamento de testamentos e a distribuição dos bens entre os familiares (SALMAZO et al., 2012; MARTINS 2014; PEREIRA et al., 2015). Já no século XX, a morte assumiu a posição de algo que deveria ser evitado, deixando de acontecer em casa para acontecer no ambiente hospitalar. Essa transição ocorreu porque as pessoas sentiam mais segurança ao acreditarem que no hospital não haveria sofrimento nos momentos finais de vida. Dessa forma, o século XXI trouxe consigo resquícios históricos e culturais, tais como o medo e a ansiedade, gerando dificuldades para falar e pensar na morte como algo natural e pertencente ao ser humano (RODRIGUES et al., 2013; SILVA et al., 2016).

Santos (2007) destaca que a morte envolve mais do que apenas a dimensão biológica. Ela tem “uma dimensão religiosa, social, filosófica, antropológica, espiritual e pedagógica” (p.14). Ainda nesse contexto e na perspectiva filosófica, Chaui (2003) afirma que a morte é considerada um acontecimento simbólico que possui sentido e faz sentido, significando a descoberta da finitude humana, de sua temporalidade e identidade, completando o que somos e dizemos o que fomos. Já na dimensão religiosa da morte, Bousso et al (2011) destaca que as diferentes religiões oferecem diversas perspectivas da morte, oferecendo conforto, e em alguns casos, promessas de uma vida após a morte. O autor ainda afirma que em relação à morte a religião é uma instituição social que controla os rituais e conhecimentos sobre a morte (MELLO; BASEGGIO, 2013; SOUSA, 2014).

Dessa forma, nota-se que opiniões variadas surgem a respeito da vida e da morte e mobilizam sentimentos, reações inesperadas, provenientes do tipo de educação que tiveram, das experiências que vivenciaram e principalmente do contexto sociocultural onde cresceram e se desenvolveram. Assim, cada indivíduo constrói sua representação da morte, à qual atribui personificações, qualidades e diferentes formas, por meio da cultura, das tradições familiares, ou, mesmo, pela investigação pessoal, constituindo assim, o desenvolvimento sociocultural (SANTOS; CORRAL; MARIA, 2014; DUARTE; ALMEIDA; POPIM, 2015).

3.2 A morte como tabu no âmbito acadêmico

Para a análise dessa segunda categoria foram analisados 5 artigos que abordam

a concepção do conceito de morte como um tabu tanto no âmbito acadêmico quanto no âmbito escolar. Segundo Ariés (1977), o tema da morte torna-se um tabu no século XX e, por isso, autores como Kovács (2005) têm apresentado preocupações acerca da ausência de uma espécie de educação para a morte nos contextos escolares. Pouco se fala sobre a morte de pessoas próximas, há apenas uma tentativa de dar sumiço naqueles que morreram. Dessa forma, cabe o questionamento de Kovács (2005): até quando lutos mal resolvidos estarão presente devido á própria negação da morte? Ou ainda, é possível uma educação para a morte no século XXI? (REGINA, 2012; AQUINO, 2014).

Atualmente, estudar e falar sobre o processo de morrer e morte representa, muitas vezes, abordar algo que, para a maioria das pessoas, não desperta o “mínimo” interesse, seja por meio da leitura, pesquisa ou até mesmo de um diálogo informal. Portanto, é irrisório buscar diariamente notícias/assuntos que despertem ansiedade, sofrimento ou até repulsa, como é o caso do tema morte. Algumas pessoas tentam fugir do assunto, quando se vêem envolvidos pelo sentimento da perda de familiares ou amigos, com alguma enfermidade em fase terminal, dessa forma é necessário o questionar esse assunto, pois está presente nosso cotidiano, sendo que por mais doloroso que seja é necessário enfrentar o tema (LIMA; NIETSCHE; TEIXEIRA, 2012; SUANE, 2013).

Um fator que se relaciona com morte como um tabu é o fato de que na sociedade hodierna não é notável o questionamento sobre o sentido da vida, posto que a transitoriedade da existência humana poderia destituir a vida de um sentido ou de um “para que viver”. A eternidade é entendida por Frankl (1990) como uma realidade simultânea que compreende o presente, o passado e o futuro. Assim sendo, a finitude, a temporalidade, não é apenas uma nota essencial da vida humana, mas trata-se também daquilo que constitui o seu sentido, posto que no momento em que as potencialidades são realizadas, estas são transferidas do não ser para o ser, das possibilidades para a realidade do passado. Desse modo, o sentido da existência humana funda-se no seu caráter irreversível (PINTO, 2013).

3.3 A educação para a morte no contexto escolar

Nessa categoria foram utilizados um total de 6 artigos. A escola é vista por nossa sociedade como um dos principais pilares do desenvolvimento humano, afinal, após a convivência primordial familiar, é na escola o segundo meio aonde as habilidades cognitivas e comunicativas são desenvolvidas e trabalhadas, assim como também é nela que se adquire uma variada gama de conhecimentos sobre o mundo ao qual estamos inseridos. A morte faz parte deste mundo, mas ainda é pouco presente nos diálogos familiares e escolares. A escola, por ser um lugar onde crianças e adolescentes passam boa parte de seus dias, é o ambiente onde as mesmas irão manifestar suas angústias, suas dúvidas, seus temores. É comum, por ocasião de uma perda, que as

crianças passem a apresentar decréscimo nas notas, problemas de comportamento, desinteresse etc. (FRONZA et al., 2015).

Entrar em contato com a realidade da morte é doloroso. Ao longo do tempo a morte foi construída como algo ruim e isso pode se manifestar de forma destrutiva, trazendo consequências difíceis e sintomas que se não bem conduzidos e tratados, podem resultar em um processo de luto patológico, principalmente se esse luto for reprimido. Trazer o conhecimento e uma perspectiva educacional consciente sobre a morte no contexto escolar é também preocupar-se com a saúde mental e o desenvolvimento da sociedade futura, que ali está representada por meio de crianças e adolescentes. Dentre as questões humanas trabalhadas pela escola, a morte não deve ser minimizada ou erroneamente colocada como um tabu, afinal, morrer faz parte da vida e é educando-se para a vida que compreendemos a morte, seus significados, elaborando de uma maneira mais natural e consciente esse processo tão natural. A temática do luto não deve ser objeto de negligência por parte da escola e existe a necessidade de uma educação para a morte, que seja vivenciada no seio familiar assim como no contexto escolar, revelando uma nova percepção diante do morrer e preparando as crianças e adolescentes para que possam lidar melhor com os processos de morte e de luto (LEITE, 2015).

Quando um adulto não esclarece verbalmente a morte, pode atrapalhar perturbar o momento inicial da elaboração do luto na criança. Por ser algo doloroso, muitas vezes existe por parte dos adultos uma ideia de que não dialogar sobre o tema é uma forma de proteção. Muitas vezes é como se a criança não fosse capaz de compreender o significado da morte ou venha a encarar de forma mais dolorosa que um adulto (SBERSE; BROCHETTO, 2015).

Diante dos fatos, é importante ressaltar que essa maneira de lidar com o assunto não devem ser incentivados, tanto por meio da família quanto pela escola, afinal, as crianças não são alheias aos acontecimentos do cotidiano e podem ser participantes desse momento tanto quanto os adultos e por meio deles, devem ter uma explicação verdadeira e consciente a respeito do tema, para que desde sempre tenham familiaridade com a morte, construindo de forma saudável o que ela representa. Mas para Kóvacs (2003, p.45): “Acredita-se que, ao não falar a criança não perceberá que uma dada morte ocorreu. Esquecem-se, os adultos, do quanto ela é observadora: sente que a rotina doméstica se alterou, nota os olhos vermelhos e inchados, e percebe que todos estão agindo de maneira diferente da usual” (SILVA; MASCIA, 2014).

Para que possa haver um diálogo aberto e satisfatório sobre a morte no contexto escolar, é preciso que haja também por parte dos profissionais que atuam na escola uma postura receptiva para novo, assim como a capacidade para envolver-se com algo que é difícil, mas que também pode trazer muitos ganhos em desenvolvimento pessoal. É necessário que os professores conversem entre si sobre o conceito de vida e morte que têm para então trabalhar o tema com os alunos. Os professores devem ter uma preparação prévia, para que seja desenvolvida a melhor forma de repassar

esse tema para os seus alunos. “Nunca será demais repetir: o meio em que a criança se desenvolve é o universo adulto, e esse universo age sobre ela da mesma maneira que todo o contexto social, condicionando-a ou alienando-a” (SCHUCK; BRUXEL; STRAUSS, 2014).

A modificação do conceito atual de morte para a nossa sociedade, assim como a forma negativa que a finitude adquiriu ao longo de nossa história, pode e deve ser modificada. A morte deve ser encarada com naturalidade, pois esse é um processo que sempre vai existir e faz parte do desenvolvimento humano. Nascer e morrer são as leis da nossa natureza e compreendê-las em sua dualidade entre o simples e o complexo, é de extrema importância. A escola tem um importante papel nesse processo, assim como na formação de tantas outras capacidades do ser humano. Inconscientemente não internalizamos a nossa própria morte, como se fôssemos de fato imortais. Somos mortais e que possamos viver com isso (SANTOS; FENSTERSEIFER, 2016).

4 | CONCLUSÃO

As modificações negativas da forma de se ver, encarar e viver a morte nos últimos séculos trouxe grandes prejuízos às pessoas, passando de uma forma mais natural e humanizada de se lidar com tal situação para uma forma mais insensível e distante. As pessoas, a cada dia mais, evitam discutir sobre esse assunto, o que só contribui para a restrição do tema. A literatura nos prova o quanto o distanciamento dessa temática contribui para um mau enfrentamento do luto ocasionado por uma morte física.

Através da revisão realizada, percebe-se que as opiniões, mobilizações e sentimentos das pessoas sobre a morte podem ser elencados de uma forma mais positiva, se esta mesma tiver desde cedo em contato com discussões sobre a morte e seus mais diversos processos. O contato com a temática de uma forma mais tranquila e leve pode trazer uma conscientização as pessoas de que a morte é apenas mais uma etapa do desenvolvimento humano a qual todos irão passar.

É enorme a importância de se discutir esse assunto, de uma forma especial, na família e na escola, que são os primeiros grupos sociais a qual uma criança é inserida. Essas discussões farão com que a criança pense, encare e viva a morte de uma forma mais leve, pois a mesma não está alheia a esses acontecimentos, podendo a qualquer instante se vê diante de uma situação como essa, assim como os adultos.

Uma educação para a morte traz a uma criança e adolescentes uma percepção diferente dessa fase do ciclo vital, e faz com que os mesmos desenvolvam sentimentos mais saudáveis sobre a vida, e, sobretudo sobre a morte. Com a consciência da morte, aumenta-se a vontade de viver e valorizar quem está por perto, as relações tornam-se mais intensas e verdadeiras, e os momentos são melhores vividos.

Dessa forma, é de extrema importância uma educação para a morte que ocorra não só na escola, mas também na família. Que esses contextos transmitam uma nova

percepção diante do morrer e preparem as crianças e adolescentes para que possa de uma forma saudável lidar com os processos de morte e de luto. Também se faz necessário que os profissionais da educação sejam preparados para está trabalhando com essa temática na escola, para que esse assunto não lhes traga sofrimento emocional.

REFERÊNCIAS

AQUINO, T. A. A. et al. **Falando de morte e da finitude no ambiente escolar: um estudo à luz do sentido da vida**. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 34, n. 2, p. 302-317, jun. 2014.

DUARTE, A. C. ALMEIDA, D. V. POPIM, R. G. **A morte no cotidiano da graduação: um olhar do aluno de medicina**. *Revista Interface, Botucatu*, vol.19, n.55, pp.1207-1219. 2015.

FRONZA, L. P. et al. **O tema da morte na escola: Possibilidade de Reflexão**. *Revista Barbarói, Santa Cruz do Sul*, n.43, p.48-71, jan./jun. 2015.

KOVACS, M. J. **Educação para a morte**. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 25, n. 3, p. 484-497, 2005.

LEITE, P. M. F. **Representações Sociais de Morte no Ensino Médio**. 2014. 118 f. Dissertação (Dissertação em Pedagogia) – UNIFFEI, Itajubá. 2015.

LIMA, M. G. R. L; NIETSCHE, E. A; TEIXEIRA, J.A. **Reflexos da formação acadêmica na percepção do morrer e da morte por enfermeiro**. *Rev. Eletr. Enf.*, Santa Maria, v. 14, n.1, jan./mar. 2012.

MARTINS, G.T. **A morte no processo de formação humana para a vida**. 2014. 97 f. Dissertação (Dissertação em Pedagogia) – UFSC, Florianópolis. 2014.

MELLO, A. R. M; BASEGGIO, D.B. **Infância e Morte: um Estudo Acerca da percepção das crianças sobre o fim da vida**. *Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo*, v.5, n.1, p.23-31, jan-jun. 2013.

MORAES, I. I. G; OLIVEIRA, I. G. **Educar para o viver e o morrer**. *Educere et Educare – Revista de Educação, Passo Fundo*, v. 5, n.10, 2010.

PEREIRA, A. C. et al. **O ensino da morte e do morrer na graduação médica brasileira: artigo de revisão**. *Revista UNINGÁ, Paraná*, vol. 45, pp.44-51, jul./set. 2015.

PINTO, L.F. **A representação da morte: desde o medo dos povos primitivos até a negação na atualidade**. *Revista Humanae, Recife*, vol. 7, n. 1, 2013.

RODRIGUES, M. G. L. et al. **Percepção de enfermeiros sobre a morte e o morrer: influência do ensino acadêmico**. *Revista Saúde, Santa Maria*, Vol. 39, n.2, Jul./Dez. 2013.

REGINA, P. M. M. **Luto na escola: um cuidado necessário**. 2012. 150 f. Dissertação (Dissertação em Pedagogia) – USP, São Paulo. 2012.

SANTOS, J. L. ; CORRAL, S. M. ; MARIA, S. V. **Morte e luto: a importância da educação para o profissional de saúde**. *Arq. Cienc. Saúde UNIPAR, Umuarama*, v. 18, n. 3, p, 199-203, set./dez. 2014.

SANTOS, T.C.F.S; FENSTERSEIFER, L. **Educação para a morte na formação do psicólogo da Puc Minas São Gabriel**. *Pretextos- Revista da Graduação em Psicologia da PUC, Minas Gerais*, v.1, n.1, jan./jun. 2016.

SALMAZO, H. S .et al. **As representações da morte e do luto no ciclo de vida.** Revista Temática Kairós Gerontologia, São Paulo, pp. 185-206, ago. 2012.

SBERSE. S. A.BROCHETTO. F. R. **Literatura como instrumento de discussão acerca da morte.** Psic. da Ed., São Paulo, n. 41, pp. 119-126., ago. 2015.

SILVA, J. P; MASCIA, M. A. A. **É preciso falar sobre a morte. Alguém escuta?** Revista Educação e Cultura Contemporânea, vol 11, n. 23, 2014.

SILVA. M.R .et al. **Finitude e morte na sociedade ocidental: uma reflexão com foco nos profissionais de saúde.** Cultura de los Cuidados, Teresina, n. 45, mai. 2016.

SOUSA. A. L. C. **Um estudo da construção do conceito de morte para professoras da educação infantil.** 2014. 134 f. Dissertação (Dissertação em Pedagogia) – UNIT, Aracaju. 2014.

SUANE, P.F. et al. **Produção científica na área da Psicologia referente à temática da morte.** Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 19, n. 3, p. 441-461, dez. 2013.

SCHUCK, R.G; BRUXEL, V. L. K.; STRAUSS, M.B .**A morte na percepção de alunos de quatro a dez anos: um olhar a partir de escolas do vale do taquari/rs** . Interfaces da Educ., Paranaíba, v.4, n.12, p.132-152. 2014.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-367-5

